

A TRAVESSIA DE ZBRUTCH

O chefe da 6.^a divisão comunicou que Novograd-Volínski fora tomada ao amanhecer deste dia. O estado-maior saiu de Krapivno, e o nosso comboio de retaguarda, barulhento, estendeu-se pela estrada Brest-Varsóvia, construída por Nicolau I sobre os ossos dos mujiques.

Os campos de papoilas purpúreas florescem à nossa volta, o vento meridional brinca no centeal já amarelado, o fagópiro virginal ergue-se no horizonte como muralha de um mosteiro longínquo. A serena Volin flecte-se, Volin foge de nós para o nevoeiro perolino de florestas de bétulas, rasteja pelos montículos florais e enfia as mãos enfraquecidas no matagal de lúpulo. Pelo céu, o Sol cor de laranja rola como decapitado, uma terna luz acende-se nos desfiladeiros de nuvens, as bandeiras do ocaso drapejam por cima das nossas cabeças. O cheiro do sangue do dia anterior e dos cavalos mortos cai em gotas na frescura nocturna. O enegrecido Zbrutch barulha e torce os nós espumosos dos seus pedrais. As pontes estão destruídas, atravessamos o rio a vau. A Lua majestosa pousa nas ondas. Os cavalos mergulham na água até às costas, as correntes sonoras fluem entre centenas de patas equídeas. Alguém está a afogar-se e grita, lançando insultos à Mãe de Deus. Os quadrados negros das carroças estão espalhados pelo rio cheio de ruído, assobios e cantigas que trovejam por cima de serpentes de luar e buracos luminosos.

Chegamos a Novograd, é alta noite. No alojamento para mim destacado encontro uma mulher grávida e dois judeus ruivos com peçoços finos; o terceiro está a dormir, encostado à parede e com o cobertor por cima da cabeça. Vejo no meu quarto armários revirados,

rasgões de peliças de senhora no chão, excrementos humanos e cacos de loiça preciosa, utilizada entre os judeus só uma vez por ano — no Pessah.

— Arrume aqui — digo à mulher. — Em que porcaria vocês vivem...

Dois judeus começam a mexer-se. Saltitam nas suas solas de feltro e apanham do chão os destroços, dão saltos taciturnos, à maneira dos macacos, dos circenses japoneses, os seus pescoços incham e viram-se. Colocam no chão um colchão rasgado, e deito-me junto à parede, ao lado do terceiro judeu, aquele que dorme. A miséria assustadiça cerra-se por cima do meu leito.

O silêncio mortificou tudo, e só a Lua, abraçando com as mãos azuis a sua cabeça redonda, brilhante, despreocupada, vagueia atrás da janela.

Desentorpeço as pernas inchadas, estou deitado no colchão rasgado e adormeço. Sonho com o chefe da 6.^a divisão. Persegue, montado num cavalo pesado, o comandante da brigada e mete-lhe duas balas nos olhos. As balas atravessam a cabeça do comandante da brigada, e ambos os olhos caem no chão. «Para que mandaste a brigada para trás?», grita Savítski, chefe da 6.^a divisão, ao ferido, e nisto acordo porque a mulher grávida apalpa com os dedos a minha cara.

— Oiça, *pan*¹ — diz-me a mulher —, você grita no sono, você estrebucha. Vou fazer-lhe a cama no outro canto porque você empurra o meu paizinho...

Levanta do chão os seus joelhos magros e a barriga redonda, e tira o cobertor de cima do homem adormecido. É um velho morto que está aqui deitado de costas. Com a garganta arrancada, a cara cortada ao meio, o sangue azul na barba, como um pedaço de chumbo.

— Oiça, *pan* — diz a judia e sacode o colchão —, os polacos degolavam-no, e ele rogava-lhes: matem-me lá fora, para a minha filha não ver como morro. Mas fizeram como lhes dava jeito... ele morria neste quarto e pensava em mim... E agora quero saber — disse de repente a mulher com uma terrível força —, quero saber onde, em toda esta terra, vai encontrar um pai como o meu pai...

A IGREJA EM NOVOGRAD

Ontem fui com o relatório ao comissário militar, alojado em casa do padre católico que fugira. Na cozinha, fui recebido pela *pani*² Elisa, governanta do jesuíta. Serviu-me chá ambarino com biscoitos. Os seus biscoitos cheiravam a crucifixo, um suco manhoso e a fragrante fúria do Vaticano impregnavam-se neles.

Ao lado da casa, na igreja, os sinos rugiam, tocados pelo sineiro enlouquecido. Era o início da noite, repleto das estrelas de Julho. A *pani* Elisa, com a atenciosa cabeça grisalha toda a tremer, não poupava nos biscoitos, e regalei-me com o alimento dos jesuítas.

A velha polaca tratava-me por *pan*, os velhos de cabelo branco e orelhas ossificadas estavam à entrada em posição de sentido e, algures no crepúsculo viperino, voltejava a sotaina de um frade. O padre fugira, mas deixou o seu ajudante, *pan* Romuald.

Castrado roufenho com corpo de gigante, Romuald tratava-nos por «camaradas». Passava o dedo amarelo pelo mapa, assinalando com círculos os pontos da derrota polaca. Abrasado pelo enrouquecido entusiasmo, contava as feridas da sua pátria. Que a memória de Romuald que nos traiu sem remorsos e foi fuzilado de passagem caia no manso esquecimento. Mas naquela noite a sua sotaina estreita mexia-se junto a todos os reposteiros, varria impetuosamente todos os caminhos e sorria a todos os que queriam beber vodca. Naquela noite, a sombra do frade não parava de me seguir. Chegaria a bispo, esse *pan* Romuald, se não fosse espião.

Bebi com ele rum, o bafo de um inédito modo de viver cintilava sob as ruínas da casa do padre, e as suas manhosas tentações

fragilizaram-me. Ó crucifixos, minúsculos como os talismãs de uma meretriz, ó pergaminho das bulas papais e cetim das cartas de mulheres, decompostas dentro da seda azul dos coletes!...

Estou a ver-te daqui, ó monge infiel de batina lilás, a rechonchudez das tuas mãos, a tua alma, terna e implacável como a alma de um gato, vejo as feridas do teu Deus, ressumbrando sémen, veneno aromático que embriaga as virgens.

Bebíamos rum à espera do comissário militar, mas este nunca mais voltava do estado-maior. Romuald caiu num canto e adormeceu. Está a dormir e a tremer, e do lado de fora da janela uma alameda rutila no jardim sob a paixão negra do céu. As rosas sedentas baloïçam no escuro. Os relâmpagos verdes ardem nas cúpulas. Um cadáver despido jaz no sopé do declive. E o brilho da lua flui-lhe pelas pernas mortas, afastadas.

Eis a Polónia, eis a altiva amargura da Rzeczpospolita! Visitante não desejado, estendo um colchão piolhoso no templo abandonado pelo sacerdote, ponho debaixo da cabeça os in-fólios com hossanas a Józef Pilsudski, nobilíssimo e excelentíssimo Chefe do Estado Polaco.

As hordas maltrapilhas estão a invadir as tuas cidades antigas, ó Polónia, o canto sobre a união de todos os servos tropeja por cima delas, desgraça tua, Rzeczpospolita, desgraça tua, príncipe Radziwill³, e tua, príncipe *Sapega*⁴, ressuscitados por uma hora!...

O meu comissário nunca mais vem. Procuro-o no estado-maior, no jardim, na igreja. As portas da igreja estão abertas, entro, e dois crânios de prata acendem-se, ao meu encontro, na tampa de um caixão partido. Assustado, corro para baixo, para o subterrâneo. Dali, uma escada de carvalho leva ao altar. Vejo muitíssimas luzes que correm em cima, à altura da cúpula. Vejo o comissário militar, o chefe do serviço de informações e os cossacos com velas nas mãos. Acodem ao meu grito fraco e tiram-me da cave.

Os crânios, que são afinal entalhaduras do catafalco da igreja, já não me assustam, e continuamos todos juntos a busca, a que fora iniciada quando, no apartamento do padre, encontraram montões de fardas militares.

Brilhando com os focinhos equídeos dos canhões bordados nas nossas mangas, cochichando e tinindo com as esporas, damos voltas

pelo edifício ressonante, com cera derretida nas mãos. As Mães de Deus, enfeitadas de pedras preciosas, seguem o nosso percurso com as pupilas rosadas como as dos ratos, as chamas tremeluzem nos nossos dedos, e sombras quadradas crispam-se nas estátuas de São Pedro, São Francisco, São Vicente, nas suas bochechas rosadas e nas barbas encaracoladas pintadas de carmim.

Damos voltas e mais voltas, procuramos. Os botões de osso saltam sob os nossos dedos, os ícones cortados ao meio separam-se, abrindo passagens subterrâneas para as cavernas cobertas de bolor. Este templo é antigo e cheio de mistério. Esconde nas suas paredes lustrosas as passagens secretas, os nichos e os batentes que se escancaram silenciosamente.

Oh, padre estúpido que pendurou nos pregos do Salvador os corpetes das suas paroquianas. Por trás da porta santa do altar, encontramos uma mala com moedas de ouro, um saco de marroquim com notas bancárias e estojos de joalheiros parisienses com anéis de esmeraldas.

Depois, contámos o dinheiro no quarto do comissário militar. Pilares de ouro, tapetes de notas bancárias, rajadas de vento a soprar nas chamas das velas, loucura de gralha nos olhos da *pani* Elisa, gargalhadas trovejantes de Romuald e o rugido infinito dos sinos tocados pelo *pan* Robatzki, sineiro enlouquecido.

«Longe daqui — disse eu para mim próprio —, longe destas Virgens com os olhos a piscar, enganadas pelos soldados...»